

DEUS NÃO ENTRA EM CRISE POR CAUSA DE NOSSAS CRISES DE FÉ



"[1] Quando Jesus terminou de dar instruções a seus doze discípulos, saiu para ensinar e anunciar sua mensagem nas cidades da região. [2] João Batista, que estava na prisão, soube de todas as coisas que o Cristo estava fazendo. Por isso, enviou seus discípulos para perguntarem a Jesus: [3] 'O senhor é aquele que haveria de vir, ou devemos esperar algum outro?'. [4] Jesus respondeu: 'Voltem a João e contem a ele o que vocês veem e ouvem: [5] os cegos veem, os aleijados andam, os leprosos são purificados, os surdos

ouvem, os mortos são ressuscitados e as boas novas são anunciadas aos pobres.'" (Mateus 11.1-5 – Nova Versão Transformadora)

Todos nós aprendemos – em algum momento da vida – sobre a importância da fé para superarmos as dificuldades. A fé é como luz na escuridão. Para o autor da Epístola aos Hebreus, “a fé mostra a realidade daquilo que esperamos; ela nos dá convicção de coisas que não vemos” (Hebreus 11.1 – NVT). Sendo assim, precisamos dela para enfrentarmos perdas, perigos e infelicidades. A fé nos ajuda a passar pelos momentos difíceis e pelas circunstâncias penosas, que sempre ocorrem na vida, quando menos se espera. Quanto maior a adversidade, mais necessária é a fé. Todas essas colocações, no entanto, são apenas parte daquilo que deveríamos saber sobre a fé. Há outro lado sobre o assunto que é pouco estudado, raramente discutido e, por isso, bastante obscuro para a maioria das pessoas. Me refiro aos efeitos da adversidade sobre a fé.

Em nossas análises teológicas ou filosóficas, nós dificilmente atentamos para o fato de que demonstrar confiança e fé em Deus, quando todas as coisas vão bem ao nosso redor – e Deus sempre se manifesta como nosso herói salvador – é algo muito fácil. Difícil é encarar a derrota e o fracasso sem perder a fé, a esperança e a vontade de perseverar quando experimentamos uma aparente ausência da ação de Deus a nosso favor. Comumente ignoramos a ideia de que **a dor e a adversidade têm o poder de desdivinizar Deus em nós, tornar seca a nossa esperança e gerar em nosso interior uma crise de fé**. Costumeiramente, afirmamos ter confiança em Cristo. Mas quando as sombras da adversidade nos sobrevêm e o caminho que trilhamos se torna escuro, caímos no profundo pântano do desespero, do abismo existencial. Como resultado, a nossa fé, a “realidade daquilo que esperamos”, a “convicção de coisas que não vemos”, é substituída por desequilíbrio, instabilidade, incerteza, decadência, decréscimo, estagnação, paralisação. Dependendo da circunstância, sentimos apenas vontade de deitar e morrer. A presença de Deus antes sentida de forma tão palpável, se torna abstrata e a sensação de fracasso é constante em nossa vida. Em momentos assim, a maioria de nós deixa de viver e passa apenas a existir.

Muitas vezes, pior do que a crise de fé, é a culpa de senti-la. Em geral, nos sentimos culpados quando não demonstramos, na prática, a fé como é descrita nas Sagradas Escrituras. Quando isso acontece, dificilmente recebemos apoio ou, pelo menos, temos a nossa realidade de vida compreendida pelas outras pessoas. A razão é que, no meio evangélico, ter crises de fé é quase que pecado. Em muitas comunidades cristãs, demonstrar fraqueza é algo totalmente inconcebível. Na visão de muitos líderes religiosos, o verdadeiro cristão não tem problemas, não tem crises – principalmente crises de fé. Mas, e do ponto de vista do Senhor Jesus? Como o problema é tratado? Como Cristo reage diante de alguém que, mesmo após conhecê-Lo e saber do que Ele é capaz, passa por uma crise de fé? O texto bíblico citado inicialmente nos fornece a resposta.

O contexto da passagem bíblica escrita por Mateus, descreve o episódio onde João Batista, a “voz de Deus” que clamava no deserto, o responsável por abrir a estrada e preparar o caminho para a vinda de Cristo (cf. Mateus 3.3), estava preso por ordem de Herodes Antipas. *“O rei havia mandado prender e encarcerar João para agradar Herodias. Ela era esposa de seu irmão, Filipe, mas Herodes tinha se casado com ela. João dizia a Herodes: ‘É contra a lei que o senhor viva com a esposa de seu irmão’. Por isso Herodias guardava rancor de João e queria matá-lo, mas não podia fazê-lo, pois Herodes o respeitava e o protegia, sabendo que ele era um homem justo e santo. Herodes ficava muito perturbado sempre que falava com João, mas mesmo assim gostava de ouvi-lo.”* (Marcos 6.17-20).

Antes de ser preso, João Batista declarara publicamente plena convicção de fé na pessoa e no ministério do Senhor Jesus. Certa vez, *“João viu Jesus caminhando em sua direção e disse: ‘Vejam! É o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!’”* (João 1.29 – NVT). Em seguida, ele *“deu o seguinte testemunho: ‘Vi o Espírito Santo descer do céu na forma de uma pomba e permanecer sobre ele... Eu vi isso acontecer e, portanto, dou testemunho de que ele é o Filho de Deus.’”* (João 1.32, 34 - NVT). Mesmo no início do período que ficou preso, João Batista continuou a crer firmemente que Jesus era o Messias prometido por Deus aos seus antepassados. Como muitos judeus, ele acreditava que, um dos papéis do Messias seria a de um soberano combativo, cuja preocupação inicial seria derrotar todos os inimigos de Israel – o que incluiria o império romano, do qual João era prisioneiro. Essa é, inclusive, a ideia central defendida em um dos “Salmos de Salomão”, veja:

“Desperta-lhes um rei, o filho de Davi, no tempo que tenhas escolhido para que reine sobre teu servo Israel; cinge-o com o teu poder de modo que aniquile os tiranos ímpios e purifique a Jerusalém dos pagãos que a mancham com seus pés... Então ele reunirá um povo santo que ele governará com equidade, e julgará as tribos do povo santificado pelo Senhor seu Deus, e dividirá entre eles o país..., e os estrangeiros não terão o direito de trabalhar no meio deles..., submeterá os pagãos sob seu jugo, para que lhe sirvam, e glorificará publicamente ao Senhor aos olhos do mundo inteiro, e ele tornará Jerusalém pura e santa, como era no começo.” (Salmos de Salomão¹ 17.21-22, 26-30)²

¹ **Salmos de Salomão.** Escritos provavelmente em torno do ano 60 a.C., são um grupo de dezoito salmos pseudoepígrafos (erroneamente atribuídos a Salomão) e apócrifos do Antigo Testamento (ou seja, rejeitados pelas principais correntes cristãs). Eram considerados perdidos, até que no século XVII foi encontrada uma cópia em grego, baseada num texto mais antigo em hebraico ou aramaico. Seu conteúdo é messiânico e crítico

João Batista espera que o Senhor Jesus, de alguma forma, o libertasse da prisão e se rebelasse contra Herodes, com o intuito de acabar com a dinastia romana.³ Mas como todos nós sabemos através da história, não foi isso o que aconteceu.

Com o passar do tempo a situação de João na prisão não melhorou. Pelo contrário, a cada momento seu risco de morte aumentava, a nação de Israel continuava subjugada por Roma e não havia sinais – por parte de Jesus – de que essa situação mudaria. De modo que o texto bíblico dá a entender que, em uma crise de fé, João passou a questionar sua crença em Jesus como “o Messias” Salvador. Sendo assim, ao saber das obras que Jesus realizava, o encarcerado João “*enviou seus discípulos para perguntarem a Jesus: ‘O senhor é aquele que haveria de vir, ou devemos esperar algum outro?’*” (vv. 2-3). Naquele momento, a dúvida de João Batista revelou que a sua fé dava sinais de mingua.

Ao ser alertado sobre a crise de fé vivida por João, o Senhor Jesus na mesma hora “*curou muitas pessoas de suas doenças, enfermidades e espíritos impuros, e restaurou a visão a muitos cegos*” (cf. Lucas 7.21 – NVT). Tais realizações foram profetizadas por Isaías (cf. Isaías 61.1-3) e serviriam para identificar o verdadeiro Messias enviado por Deus (cf. Lucas 4.14-21). No maior estilo “*as Escrituras apontam para mim*” (cf. João 5.39 – NVT), o Senhor Jesus demonstrou que Ele realmente era, com o intuito de que Suas obras servissem para reacender a fé e a confiança de João Batista. Em nenhum momento Jesus criticou ou condenou a dúvida de João. Suas palavras foram: “*Voltem a João e contem a ele o que vocês veem e ouvem: os cegos veem, os aleijados andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados e as boas novas são anunciadas aos pobres.*” (vv. 4-5). E quando os discípulos de João Batista foram embora com a resposta, o Senhor Jesus declarou a todos que estavam presentes naquele momento: “*de todos que nasceram de mulher, nenhum é maior que João Batista*” (Lucas 7.28 – NVT).

É dessa forma que o Senhor Jesus age, também para conosco. Quando nossa fé dá sinais de cansaço, fragilidade, Cristo se aproxima de nós e diz: “*Não tenha medo. Apenas creia*” (cf. Marcos 5.36 – NVT). Mas se por acaso, nós formos vencidos pelo medo, pela dúvida, o Senhor Jesus não se esquecerá de nós e, assim como fez com Pedro, nos chamará de volta aos braços da comunhão (cf. Marcos 16.7). Com fez com Tomé, o Senhor Jesus de forma paternal e amorosa nos tomará pelas mãos e dirá: “*Não seja incrédulo. Creia!*” (cf. João 20.27 – NVT). Sendo assim, não desista de Deus quando se sentir fraco, sem força para continuar a acreditar. Continue a caminhar. Saiba que **Deus não entra em crise por causa de nossas crises de fé. Soli Deo Gloria.**

contra os sacerdotes e homens ricos, especialmente contra aqueles que entregaram o reino de Israel ao domínio do Império Romano.

² SALMOS DE SALOMÃO. In: *Wikipédia: a enciclopédia livre*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Salmos_de_Salomão>. Acesso em: 31/10/2017.

³ CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. Trad. Daniel de Oliveira e Daniel Costa. São Paulo: Hagnos, 2008. 149-155 p.